

Memórias com futuro:



o olhar da sociologia
sobre as atividades mineiras
do Peirão e Regoufe

João Teixeira Lopes
Sandra Pinheiro
(organizadores)

ISBN

978-989-9082-73-1

Porto, 2023

Título:

Memórias com futuro:
o olhar da sociologia
sobre as atividades mineiras
do Pejão e Regoufe

Autoria:

João Teixeira Lopes

Sandra Pinheiro

(organizadores)

Outros autores:

Adélio Gomes

Conceição Rodrigues

Fernando Gomes

Francisca Teixeira

Inês Leal

João Teixeira Lopes

Leonor Medon

Rita Madeira

Sandra Couto

Sandra Pinheiro

Design:

Jorge Almeida

Impressão:

Invulgar artes gráficas

Tiragem:

200 exemplares

Edição:

Instituto de Sociologia
da Universidade do Porto

Memórias com futuro:

o olhar da sociologia
sobre as atividades mineiras
do Pejão e Regoufe

João Teixeira Lopes
e
Sandra Pinheiro

Publicação desenvolvida no âmbito do projeto “Soil health surrounding former mining areas: characterization, risk analysis, and intervention” (NORTE-01-0145-FEDER-000056), cofinanciado pelo Programa Operacional Regional do Norte (NORTE 2020), através do Portugal 2020 e do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER).



Introdução

Do risco à memória: a sociologia observa as atividades mineiras

João Teixeira Lopes

Este livro é o resultado de uma ocasião rara. Na verdade, por sugestão do Vice-Reitor da Universidade do Porto (Investigação e a Inovação), Professor Pedro Rodrigues, formaram-se consórcios de várias faculdades e unidades de investigação para, usufruindo dos fundos do FEDER, programa Norte 2020, geridos pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional – Norte, estudarmos a atividade mineira que se desenvolveu nos concelhos de Arouca e de Castelo de Paiva¹.

Eis um exemplo, pois, de transdisciplinaridade, em que se se analisa um tema que não pertence a uma disciplina em específico, obrigando a uma cooperação entre os diferentes domínios do saber. Ora, a Sociologia foi convocada e disse presente. Este livro regista as possibilidades da perspetiva sociológica, o seu modo específico de observar e interpretar um fenómeno² e, ainda, as suas potencialidades para unir investigação e envolvimento das pessoas.

O que nos diz esse olhar sobre as atividades mineiras? Diz-nos, antes de mais, que devemos perceber as relações sociais que induzem: no trabalho, na família, nas sociabilidades, tanto a um nível pessoal, biográfico, como num plano coletivo, de grupo e de classe. Diz-nos, também, que importa ter em conta o contexto – o tempo, o espaço – para não descurarmos a incrustação numa diacronia

1 O projeto foi coordenado pela Professora Deolinda Flores, da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (FCUP), e congregou, para além desta instituição, a Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) através do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (IS-UP) e vários parceiros da mesma universidade: o Instituto de Ciências da Terra (ICT); o Centro de Investigação em Química da Universidade do Porto (CIQUP/FCUP); a Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP) e o Centro de Recursos Naturais e Ambiente (CERENA); a Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP) e o Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade (I2ADS).

2 Da parte da Sociologia o projeto foi coordenado por João Teixeira Lopes, Professor Catedrático da FLUP e coordenador do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. A equipa foi ainda composta por Francisca Teixeira, Leonardo Ferreira, Leonor Medon, Sandra Couto, Sandra Pinheiro e Rita Madeira.

e num território. Diz-nos, finalmente, que não devemos ter uma visão fixista e teoricamente teimosa da investigação e que nos devemos permitir a flexibilidade e a imaginação necessárias às reorientações que o trabalho de campo obriga.

De forma a encontrarmos um ângulo de análise que facilitasse o contacto com as outras disciplinas, definimos um objetivo primeiro: abordar, por via das perceções e representações sociais, a questão do risco nas localidades de Arouca e de Castelo de Paiva, onde se situam, respetivamente, as minas de Regoufe e do Pejão.

No entanto, o trabalho de terreno ditou outro caminho. Rapidamente nos apercebemos que, sob o ponto de vista dos agentes sociais, os riscos ambientais e de saúde em torno dessas minas são percebidos como mínimos. Os informantes privilegiados que entrevistámos, ainda numa fase exploratória, foram muito convictos, pois estavam particularmente focados em reutilizar o legado das minas como recurso de desenvolvimento local e tinham, além do mais, receio de reações infundadas de insegurança por parte das populações, o que seria um efeito não pretendido da própria investigação.

Assim, sem largarmos a análise da perceção subjetiva do risco, optou-se por recentrar a pesquisa: o foco passou a estar no papel das minas na construção de identidades e memórias coletivas. Para tal, o desenho metodológico sofreu alterações. Numa fase inicial, para além das já referidas entrevistas a informantes privilegiados, usou-se a fotografia social como modo particular de reflexividade (capítulo I) e aplicou-se um inquérito por questionário, administrado pela equipa de sociólogas, a transeuntes em espaços públicos dos dois concelhos, de maneira a obter uma panorâmica, ainda que não exaustiva e sem representatividade estatística, sobre a relevância das minas na estruturação das identidades locais (capítulo II). Complementarmente, analisámos um corpus vasto de documentos oficiais autárquicos (qual a visão do poder local sobre os riscos e os usos potenciais da atividade mineira?) e de interessantes monografias (o que disseram, antes de nós, historiadores e antropólogos?).

Contudo, como já o dissemos, fomos colocados numa bifurcação e optámos, sem cair na vertigem do labirinto, por um outro caminho: trabalhar, com as pessoas, as memórias da atividade mineira, pois pressentimos que ela ainda era atuante. Fizemo-lo em duas frentes: com a parceria do Teatro Universitário do Porto e a Casa do Povo da Raiva, participámos num processo de cocriação de uma peça de teatro comunitário intitulada Da Raiva ao Paraíso assente em oficinas abertas onde se exercitavam as metodologias teatrais, a educação não-formal e o teatro do oprimido (capítulo IV), dando origem a uma peça e a uma exposição virtual no Museu da Pessoa³. Por outro lado, com os estudantes e professores da Escola E. B 2/3 do Couto Mineiro do Pejão, desenvolvemos atividades lúdicas de ligação entre as gerações através do fio condutor das reminiscências mineiras (capítulo III). A partir daqui a investigação torna-se ação e a ação investigação. As pessoas participam e envolvem-se. Resgatam-se vívidas lembranças (capítulo IV) e outras, há muito na sombra, insinuam-se na ligação entre passado, presente e futuro, forjando um itinerário que não tínhamos previsto. Que tudo isto faça sentido, eis a nossa esperança, porque a Sociologia é também um tear onde os fios das vidas e das trajetórias se entretecem com quem as viveu, formando um só tecido, um só corpo.

3 Exposição disponível no site do Museu da Pessoa: <https://museudapessoa.org/historia-detalle/?id=41995>

Explorando o terreno

Arouca e castelo de Paiva: aproximação aos territórios e suas gentes

Sandra Couto e Rita Madeira

A realização de 13 entrevistas nos dois territórios de pesquisa permitiu recolher vários dados sobre as representações e as vivências destas populações à volta do passado mineiro. Em Arouca, entrevistou-se uma profissional da Associação de Desenvolvimento Rural Integrado das Serras do Montemuro, Arada e Gralheira (ADRMAG); o autor da dissertação de mestrado “A alimentação dos mineiros na época áurea do volfrâmio em Arouca”; um vereador da Câmara Municipal de Arouca; uma professora da escola Secundária de Arouca; uma estudante da FLUP residente no concelho de Arouca e, ainda, duas profissionais do Museu Municipal de Arouca. Por seu turno, em Castelo de Paiva os informantes-chave traduziram-se num representante da Associação Recreativa, Cultural, Patrimonial e Ambiental De Folgoso (ARCAF) (entrevista simultânea); uma vereadora da Câmara Municipal de Castelo de Paiva; o fotógrafo, autor do trabalho “Carvão de Aço”; o guardião da Mina do Pejão; um engenheiro, que esteve presente no encerramento das minas; dois mineiros e um representante da Associação de Estudo e Defesa do Património Histórico-Cultural de Castelo de Paiva (ADEP).

Começando pelos conhecimentos da população sobre as minas, percebeu-se que em Arouca não existem informações profundas sobre os riscos - ainda que mínimos - associados às minas de Regoufe. Estes surgem apenas em referência ao passado, no qual os mineiros desenvolviam problemas respiratórios, graças à exploração mineira.

“As minas foram consideradas um fenómeno muito bom na altura, mas imediatamente a seguir já foi considerado um fenómeno mau porque as pessoas morriam da doença das minas (...) As doenças respiratórias começaram a surgir muito rapidamente” (entrevista n.º 5).

Na atualidade, portanto, lidera o desconhecimento que se traduz em visitas ao complexo mineiro e outras práticas de lazer que podem resultar em risco de queda e utilização de águas não controladas. Em Castelo de Paiva, as tendências apontam no mesmo sentido: associam-se os riscos ao passado e a doenças daí vindouras e verificam-se passeios junto às minas, acrescentando a preocupação com possíveis aluimentos.

Ao nível da identidade local e da memória coletiva, sobressai a importância das minas de Regoufe na comunidade, uma vez que ainda se encontram vivas muitas memórias familiares. Contudo, prevalece uma dualidade: por um lado, desejam preservar os relatos da exploração mineira e reconhecem a centralidade deste passado na sua construção identitária; por outro, torna-se uma temática difícil de abordar pelas tragédias e dificuldades associados à época. Em Pejão, por seu turno, a exploração mineira é tida como um símbolo de identidade local, uma vez que envolveu muitos residentes e contribuiu para a projeção do concelho. Não obstante, a dureza da vida da época e as difíceis condições de trabalho não deixaram de ser enunciadas nas entrevistas - Segundo os entrevistados, a mina de Pejão exigiu o trabalho de cerca de três mil pessoas, muitas vezes redes familiares, que dependiam destes rendimentos para subsistir e onde o espírito de solidariedade sobressaía. Havia, contudo, algumas regalias como a existência de um posto médico próprio e acesso a aulas de natação, quer pelos mineiros, quer pelos próprios filhos. Atualmente, realçam a desvalorização do património, que associam ao encerramento das minas, marcado por forte contestação na época (Lopes, 2015).

“Acho que se cortou aqui muito a esperança neste território porque nós éramos identificados e estávamos na linha da frente nesta questão da exploração mineira — havia aqui um legado, um espólio, havia toda uma panóplia de atividades que marcavam os mineiros e os identificavam. De repente, com o encerramento, não se acautelou e não se cuidou.” (entrevista B)

Já em Regoufe, as memórias permanecem vivas e são transmitidas de geração em geração, como se denota pela quantidade de relatos (pessoais ou de

terceiros) que a equipa do IS-UP recolheu. Histórias plurais, ricas e múltiplas, trilharam os caminhos da lembrança e partilharam relatos de enriquecimento rápido e contrabando do minério; dinâmicas de forte solidariedade entre mineiros e difíceis condições de trabalho que culminam em graves doenças - como vivido em Pejão - e lutas de poder entre alemães e ingleses que, na altura, controlavam as explorações. O impacto da exploração mineira no desenvolvimento económico da região não é esquecido, sendo responsável pelo impulso que levou à construção de inúmeras infraestruturas.

As entrevistas permitiram aceder às histórias de vida das populações. Em Arouca, os homens trabalhavam, geralmente, no interior da mina, enquanto as mulheres e crianças permaneciam responsáveis por lavrar a terra, procurando pedaços de volfrâmio. Com o tempo e a longa permanência dos trabalhadores no complexo mineiro, uma pequena aldeia começou a brotar ao seu redor: nasceram dormitórios, cantinas e foram os primeiros a ter acesso à eletricidade. Porém, os entrevistados não reconhecem as minas de Regoufe como elemento de reivindicação por melhores condições de vida, mas existe uma preocupação com a imortalização deste período. De facto, nas entrevistas foi afirmado que se tem procurado preservar a componente imaterial pela recolha pontual de testemunhos, de processos de musealização e da organização de visitas escolares ao complexo.

Eu acredito que, a nível de entidades (o município, o Geoparque, mesmo a própria ADRIMAG, as escolas), temos noção do que ali está (...). A nível da população, eu acho que a população quer muito que as minas não sejam esquecidas, mas, na prática, eu acho que ninguém sabe ao certo o que é para fazer. (entrevista n.º 5)

No geral, percebe-se que, para os entrevistados, o futuro da mina passa pela continuação do trabalho de conservação, preservação e valorização. De igual modo, visiona-se um futuro com uma maior tónica no turismo, sendo mencionado múltiplas vezes um projeto de intervenção com o objetivo de refuncionalizar e musealizar a área das minas de Regoufe. Um dos testemunhos afirma mesmo: “Eu acho que a comunidade identifica essa necessidade: é importante musealizar por-

que o entendem como forma de preservar memórias, preservar história” (entrevista n.º 6). Importa salientar, contudo, que os entrevistados defendem um desenvolvimento integrado da região, associado a este esforço de preservação. Efetivamente, salientam a necessidade de combater simultaneamente o envelhecimento e perda de população local, a falta de emprego e de acessibilidade:

“Todo um conjunto de atividades complementares desenvolvem-se à volta do turismo. Se conseguirmos criar um núcleo de desenvolvimento no futuro ligado a estas questões, tenho a certeza que vamos conseguir fixar algumas pessoas e atrair novos investimentos” (entrevista n.º 2)

Relativamente às minas do Pejão, foi sublinhada a necessidade de desenvolver um leque de ações de enfoque turístico. Foram feitas, à data, referências à criação de um centro de interpretação mineira, à requalificação do bairro social do Pejão, à inauguração de um museu e à criação de um percurso da atividade mineira. Os entrevistados destacam, de igual forma, a importância de conservar as memórias da população e de introduzir uma componente pedagógica nas escolas sobre a atividade mineira da região:

Quando falo em museus, não tem de ser um museu à antiga, mas um museu dinâmico, um museu moderno. Há muito potencial (...). Não acredita a quantidade de espólio da mina que estava lá em cima [numa sala da Junta de Freguesia de Pedorido], tudo a apodrecer. Documentação, recibos de salários, fichas de saúde do posto médico que tinham dos mineiros, tarjas e bandeiras da altura do protesto do encerramento... (...). O que é certo é que há um grande espólio. É um espólio extremamente importante ainda que é o espólio vivo, que são as pessoas. E as pessoas a tendência é elas morrerem, como é óbvio. E isto ou se faz, ou é cada vez mais difícil recuperar a memória. (entrevista A)

Nesta linha, o Município de Castelo de Paiva criou o Núcleo de Experiências Turísticas do Couto Mineiro do Pejão no presente ano. Este surge, segundo o município, para promover a localidade e dar resposta à necessidade, também salientada pelos entrevistados, de difundir o património cultural deixado pelas Mi-

nas do Pejão. Claro está que os objetivos turísticos não foram esquecidos, já que a Câmara afirma desejar “contribuir para o surgimento de novos e inovadores produtos e serviços, promovendo a competitividade do tecido empresarial de Castelo de Paiva, bem como a sua consolidação” (Câmara Municipal de Castelo de Paiva, 2022a, para. 13). Noutra sentença, os dirigentes políticos visam, ainda, recuperar o edificado mineiro e criar uma estrutura museológica que espelhe a história através de fotografias e documentos (Câmara Municipal de Castelo de Paiva, 2022a). Simultaneamente, começaram o processo de requalificação do Cavalete do Fojo (Câmara Municipal de Castelo de Paiva, 2022b).

Para concluir, urge realçar o impacto que o encerramento da mina teve na população do Pejão. Os entrevistados aludem várias vezes a este tópico, revelando que, na época do fim da atividade mineira, foram feitas múltiplas promessas de investimentos na região que nunca foram cumpridas. Parece prevalecer, assim, uma insatisfação face à (in)ação do Governo. Além disso, são reveladas debilidades territoriais expressas na falta de transportes e outros serviços públicos e fraca cobertura de rede de telemóvel.

Em suma, destacam-se vários pontos comuns. Em primeiro lugar, ambas as populações, de Regoufe e Pejão, demonstram um desconhecimento dos possíveis riscos inerentes às áreas mineiras e despreocupação e despreocupação face aos mesmos. Ainda, nos dois territórios, as minas surgem como símbolo de identidade local, percebendo-se que as memórias permacem vividas e presentes. Por fim, os entrevistados acreditam que o futuro das minas passa pela preservação da sua história material e imaterial e pelo investimento no turismo.

Referências bibliográficas

Lopes, J. (2015, 15 de janeiro). Grito final dos mineiros do Pejão foi há 20 anos. ETC. e Tal: jornal.

<https://etcetaljornal.pt/j/2015/01/7573/>

C. M. Arouca (s.d.a). Município — Concelho. Arouca. <https://www.cm-arouca.pt/municipio/concelho/>

C. M. Arouca. (s.d.b). Orçamento Municipal 2022.

N222: ensaio sobre a raiva da nacional

Inês Leal



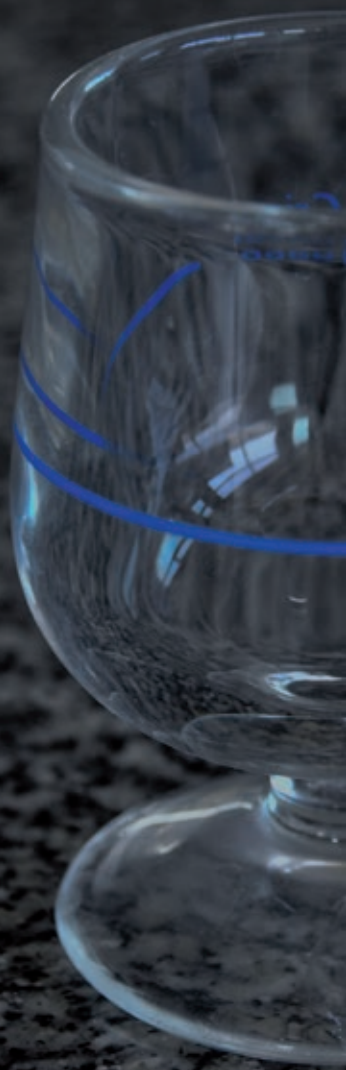


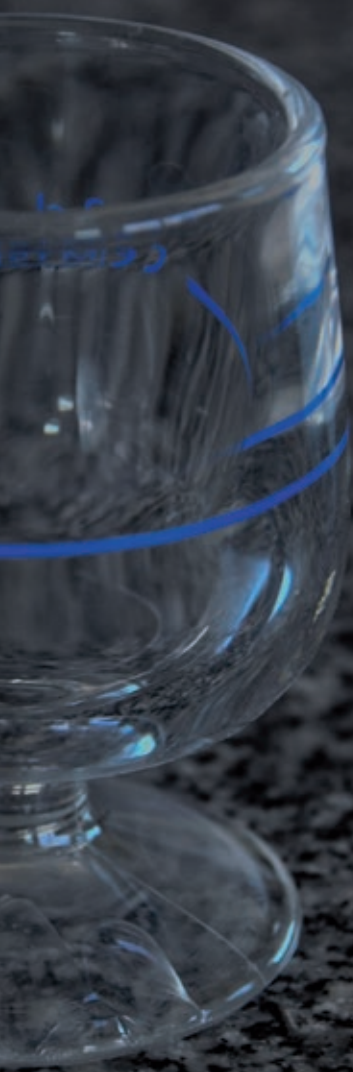


A dark, industrial interior with a grid of windows. The walls are made of concrete or brick, and the floor is dark. In the foreground, there are several wooden tables or benches. A warning sign is placed on the floor in the lower right corner.

PERIGO
DE
EXPLOSAO













— Capítulo 2 —

Minas: percepções, identidades e memórias.

Resultados dos inquéritos por questionário

Francisca Teixeira e Leonor Medon

1. Introdução

Para compreender de forma mais alargada as representações da população de Arouca e Castelo de Paiva sobre o papel das minas de Regoufe e Pejão, na sua identidade, memória local e coletiva, as representações que têm sobre riscos (ambientais, de segurança ou para a saúde) e as perspetivas que vislumbram para o futuro dos complexos mineiros, optou-se por uma análise quantitativa, através da aplicação de um inquérito por questionário, com vista à obtenção de resultados mais amplos.

2. Metodologia

O questionário que consubstancia o presente estudo é composto por 18 questões divididas em 2 grandes grupos. Na Parte I foram incluídas perguntas relacionadas com o perfil sociodemográfico dos participantes. Na Parte II, através da exposição de 10 afirmações sobre conhecimento das minas, práticas de risco, identidade, memória locais e preocupações sociais e socioambientais, pediu-se aos inquiridos para se posicionarem numa escala de 1-10. No fim do inquérito, foi deixada uma questão de resposta aberta opcional para os mesmos acrescentarem outra informação em relação à sua perspetiva pessoal, às minas da sua região, ou sobre o seu papel na construção de identidade e memória local. A recolha de dados permitiu o estabelecimento de conversas informais com os inquiridos, que se traduziram em notas de terreno e facilitaram aos investigadores compreender em profundidade as dimensões a analisar.

3. Resultados por concelho

Foram aplicados 301 inquéritos que serão aqui analisados de acordo com o local onde foram aplicados, o concelho de Arouca e de Castelo de Paiva. Deste modo as amostras são compostas por residentes, naturais ou pessoas com forte ligação à região.

3.1. Arouca

No concelho de Arouca, foram administrados um total de 153 inquéritos, originando uma amostra composta por uma divisão equilibrada de género (47,7% do género masculino e 52,3% do feminino), com idades compreendidas entre os 19 e os 89 anos, com maior incidência nas faixas etárias entre os 40 e os 60 anos, representando, assim, uma população em idade ativa substancial, encontrando-se a maioria a trabalhar a tempo parcial ou inteiro, sobretudo no setor dos serviços, e tendo, essencialmente, a escolaridade obrigatória (12º ano ou equivalente).

Perceção de risco(s)

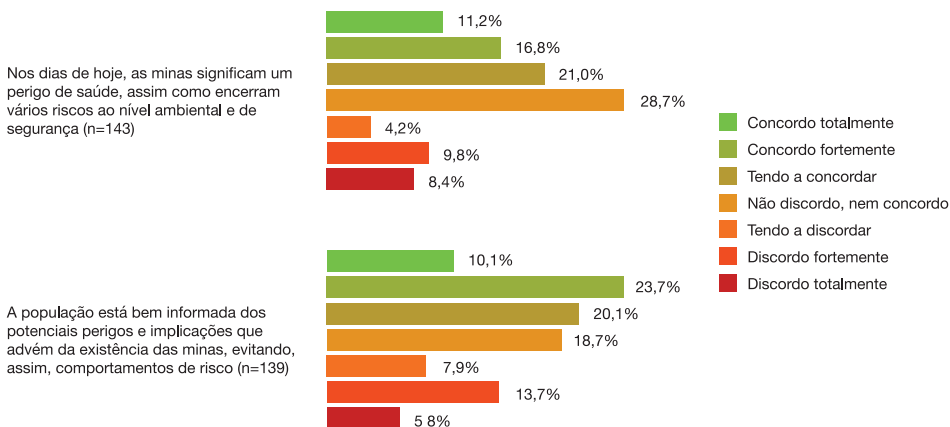
Através dos dados no Gráfico 1 é possível afirmar que há uma dualidade na perceção sobre os possíveis riscos de saúde, ambientais e de segurança na atualidade, existindo também uma grande parte da população (cerca de 20%) que não concorda nem discorda sobre a perceção de risco pessoal e da população local. Juntando estes dados a conversas informais no momento de preencher o inquérito, podemos dizer que este resultado se dá, sobretudo, devido ao facto de as minas de Regoufe terem encerrado há muitos anos e, consequentemente, a ligação da população à mesma tende a perder força. Contudo, é de ressaltar que cerca de 40% ainda considera que existem perigos associados à exploração mineira no local, nomeadamente ao nível da qualidade da água, e que se tem de acautelar comportamentos de risco. No entanto, os inquiridos, na sua maioria (n=149, 50,4%), consideram que se há perigo efetivo este deve ser tratado com urgência⁴ e que a população não apresenta uma tendência em agir sobre

4 “A população não tem agido em torno do problema ambiental da mina” (n=145, 59,7%)

a poluição possível da existência das minas.⁵ Neste caso, a classificação como “não concordo, nem discordo” assume preponderância podendo ser resultado do afastamento temporal em relação à atividade mineira.

Gráfico 1

Percepções e comportamentos face a riscos e perigos, Arouca, em % válida



Memória e identidade local

No que diz respeito à memória e identidade local, observa-se que os inquiridos do concelho de Arouca demonstram ser relativamente conhecedores da “história, localização e demais património relativo à exploração mineira” - Contudo referem que este não é um fator determinante para a sua identidade enquanto munícipe, nem para a sua trajetória pessoal, já que apenas cerca de 15% considera que a mina tem alguma influência na sua identidade.

No que se refere à identidade e memória coletiva, os inquiridos concordam que as histórias se têm perdido de geração em geração. Estas são muitas vezes associadas, pelos inquiridos, ao polo neutral que as minas significaram durante a segunda guerra mundial, com a convivência pacífica no local de alemães e ingleses e também aos processos de criação e esbanjamento de riqueza. Uma parte dos inquiridos considera a mina como um símbolo da identidade coletiva local. Contudo tal representação não é homogénea.

5 “A poluição na mina deve ser tratada com urgência do ponto de vista ambiental, social, educativo e político”

Gráfico 2

Familiarização e importância das minas na construção de identidades pessoais dos respondentes, Arouca, em % válida

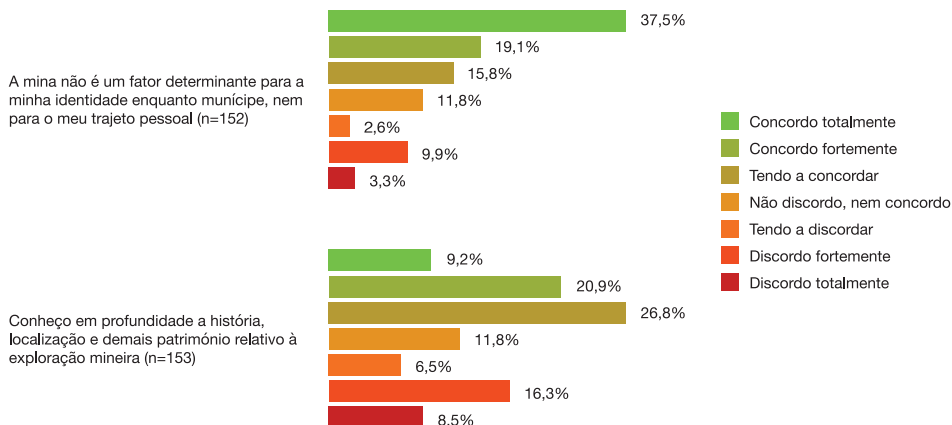
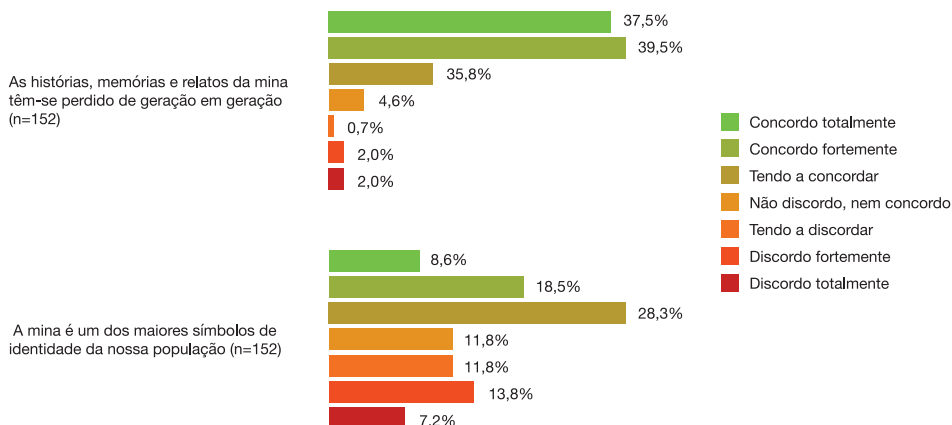


Gráfico 3

Identidade e memória coletiva, Arouca, em % válida

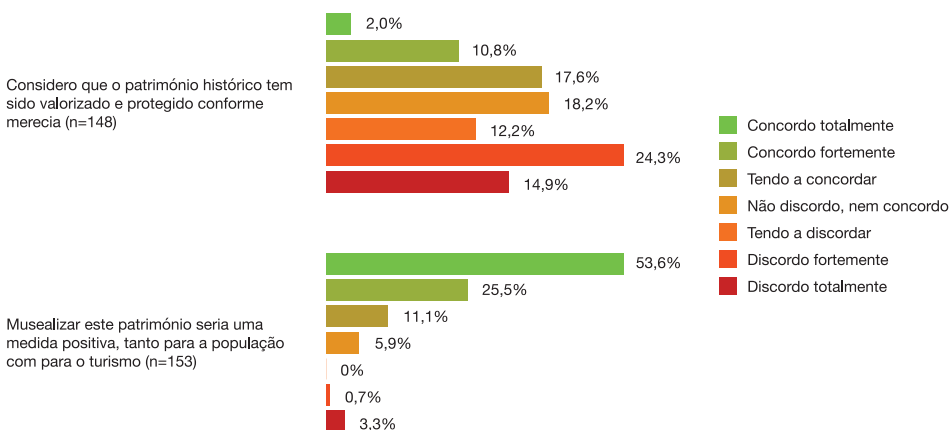


Perspetivas sobre preservação e valorização do património do complexo mineiro

Pode-se observar no Gráfico 4 que há uma tendência para considerar que o património histórico ligado às minas ainda não é valorizado e protegido devidamente. Defende-se que musealizar o património seria uma boa medida para manter viva a história mineira no local sinalizando-a melhor, utilizando os espaços e infraestruturas ainda existentes do complexo, sobretudo para dar a conhecer a história às novas gerações.

Gráfico 4

Perspetivas dos participantes sobre a preservação do património relativo à exploração mineira, Arouca, em % válida



3.2. Castelo de Paiva

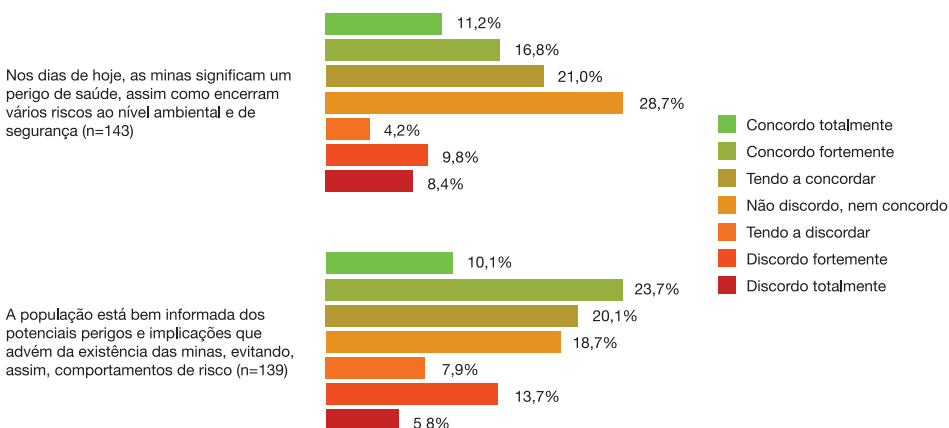
No concelho de Castelo de Paiva (CP) foram administrados 148 inquiridos por questionário. A amostra é composta, maioritariamente, por inquiridos do género masculino com 54 ou mais anos de idade, baixos níveis de escolaridade (até ao 9º ano) e profissionalmente ativos a tempo inteiro e parcial no setor dos serviços.

Percepção de risco(s)

A maioria dos inquiridos (n=70, 50,2%) concorda que, atualmente, as minas significam um perigo de saúde e apresentam riscos ambientais e de segurança (ver gráfico 5). Percebe-se que essas percepções estão associadas a problemas de saúde (e.g. silicose) de ex-mineiros e problemas no solo, causadores de incêndios, cheias e possíveis desabamentos.

Gráfico 5

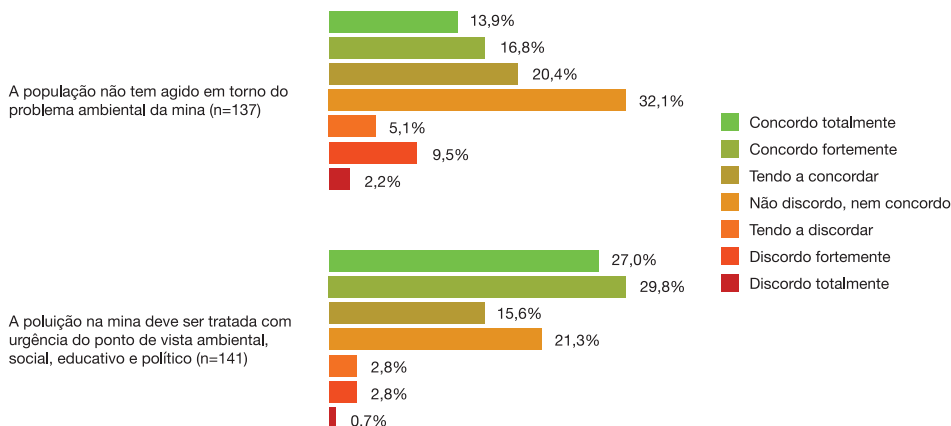
Percepções e comportamentos face a riscos e perigos, CP, em % válida



Neste sentido, a maioria dos respondentes (n=75, 54%) considera que a população “está bem informada dos potenciais perigos e implicações que advêm da existência das minas, evitando assim comportamentos de risco”. Contudo, 28,7% (n=41) dos inquiridos revela incerteza quanto à presença de riscos e perigos das minas na atualidade e os restantes 22,4% (n=32) declaram que os mesmos desapareceram aquando do encerramento das minas.

Gráfico 6

Ações em torno da poluição nas minas, CP, em % válida



Embora seja evidenciada incerteza ou negação quanto à presença atual de possíveis efeitos negativos provindos das minas, a maioria dos participantes (n=102, 72,3%) defende que se deve agir no sentido de tratamento de possível a poluição.

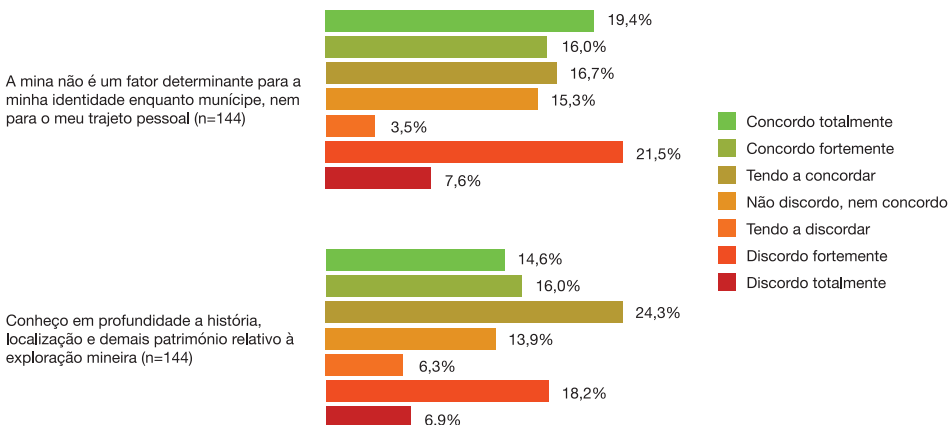
Todavia, 51,1% (n=70) dos participantes considera que a população não tem agido em torno de problemas ambientais resultantes das minas, argumentando que: esse papel compete aos órgãos e poderes locais; o terreno está ao abandono; uma parte foi privatizado; ou, então, porque já não existem riscos.

Familiarização com as minas, identidades e memórias

Segundo os dados observáveis no gráfico 7, a maioria (n=79, 54,9%) dos participantes demonstra estar minimamente familiarizada com história, localização e demais património das minas da sua região. Além disso, 52,1% (n=75) referem que as minas são, de alguma forma, importantes na construção de identidade enquanto município, mas também na sua identidade e trajeto pessoais.

Gráfico 7

Familiarização e importância das minas na construção de identidades pessoais dos respondentes, CP, em % válida

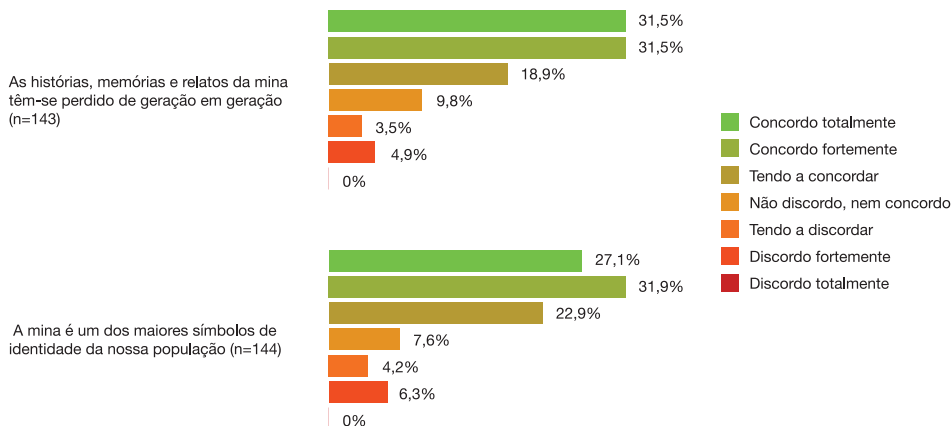


Todavia, sensivelmente 3 em cada 10 dos respondentes diz não estar familiarizado com o assunto e que as minas não foram importantes para a sua identidade ou trajetória pessoal. Tal pode estar relacionado com o facto dos próprios referirem que as pessoas naturais ou residentes nos locais próximos do Couto Mineiro do Pejão estão mais familiarizadas com as minas, exercendo maior influência na construção da trajetória pessoal dessas pessoas, uma vez que ainda lá residem ex-mineiros e as suas famílias.

Apesar disso, existe um consenso alargado de que as minas são um dos maiores símbolos de identidade coletiva, tal como patente no gráfico 8, embora algumas pessoas ressalvem que é importante ter em conta os fatores temporal, territorial e geracional. Através das conversas informais percebe-se que as minas deixaram, provavelmente, de ser determinantes para a identidade coletiva do concelho, permanecendo, contudo, um marco para as pessoas residentes ou naturais do Couto Mineiro do Pejão, sobretudo nos adultos.

Gráfico 8

Identidade e memória coletiva, CP, em % válida



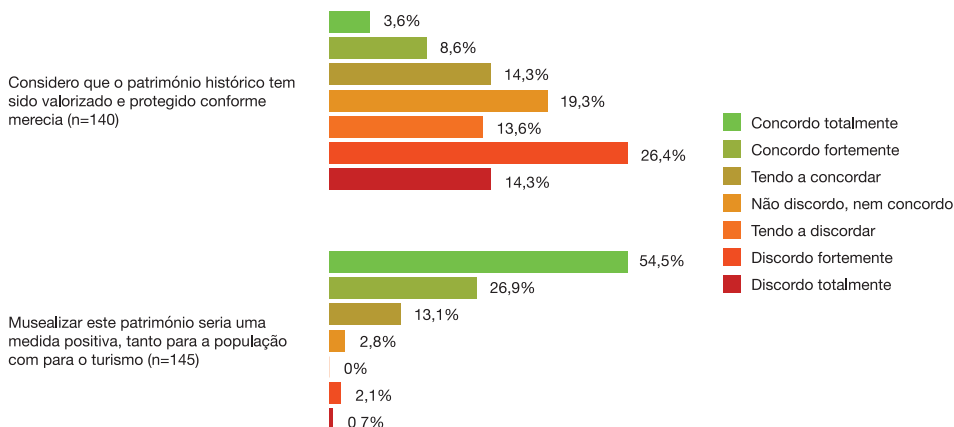
Neste sentido, 81,8% (n=117) dos inquiridos desta amostra considera que as memórias coletivas ancoradas nas minas se têm esvanecido, pois as histórias e relatos sobre o assunto perdem-se de geração em geração. Tal pode ter como subjacente a dificuldade da comunidade local em falar sobre as minas, devido aos impactos sociais e económicos deixados pelas mesmas no território, sobretudo após encerrarem. Ademais, o esquecimento coletivo mostra-se relacionado com a falta de intervenção local na preservação do património e dos serviços.

Perspetivas sobre preservação e valorização do património do complexo mineiro.

O gráfico 9 demonstra que a maioria dos inquiridos (54,3%, n=76) tem uma opinião negativa sobre a gestão e valorização do património histórico mineiro, remetendo para o seu estado de abandono. De referir que 19,3% (n= 27) das pessoas diz “não concordar, nem discordar” com o assunto, justificando que não têm conhecimento sobre ações de valorização e preservação do património. Por sua vez, 26,5% (n=37) dos respondentes refere que têm sido feitas algumas iniciativas alusivas às minas na tentativa de se recuperar memórias e preservar a história, nomeadamente a criação do Núcleo de Experiências Turísticas do Couto Mineiro do Pejão e a reconstrução do Cavalete, mas que essas são insuficientes.

Gráfico 9

Perspetivas dos participantes sobre a preservação do património relativo à exploração mineira, CP, em % válida



Vê-se, ainda, que 94,5% (n=137) dos participantes são a favor da musealização do património mineiro, concordando que tal seria benéfico para a população e o turismo. Por um lado, acredita-se que seria uma forma de preservar e divulgar as histórias e memórias da região, homenagear aqueles que trabalharam nas minas e melhorar redes de transporte e serviços. Por outro lado, refere-se que o território tem potencial turístico dada a sua localização junto ao rio Douro e por ainda existirem elementos e infraestruturas da exploração mineira.

4. Conclusão

Neste capítulo apresentaram-se os dados obtidos a partir da administração de um total de 301 inquéritos por questionário, realizados a pessoas residentes, naturais ou com forte ligação ao concelho de Arouca e Castelo de Paiva. Analisaram-se, a partir de uma abordagem quantitativa com recurso a notas de terreno, as perceções e práticas de risco dos inquiridos em torno das explorações mineiras, os seus conhecimentos e influência das minas na construção de identidades e memórias coletivas, bem como as perspetivas das populações sobre o património mineiro.

Os dados mostraram as seguintes tendências entre concelhos: 1) as populações estão minimamente familiarizadas com o assunto da exploração mineira no seu território, sabendo a sua história, localização e/ou outros aspetos relacionados com esse património; 2) defende-se a intervenção, por parte de órgãos locais competentes, no caso de existirem atualmente problemas ambientais e/ou para a saúde pública associados às minas; 3) é manifestada a falta de preservação e valorização dos patrimónios históricos mineiros, referenciando-se o estado de abandono ou de ruína das infraestruturas, bem como o encerramento dos serviços que os complexos mineiros detinham; 4) expressa-se opinião positiva sobre musealizar esses patrimónios, concordando que tal seria benéfico para ambas as populações e para o turismo.

Por contrapartida, os dados revelaram algumas divergências e singularidades entre concelhos, e ainda intraconcelho. A população de CP parece estar mais alerta sobre possíveis riscos e problemas relacionados com as minas devido a eventos recentes de problemas no solo nos arredores das explorações mineiras. Em Arouca, existe uma maior divergência sobre as perceções de risco e é manifestado um maior desconhecimento sobre esta questão, pois os riscos e problemas são remetidos para o passado aquando do encerramento das minas.

Ademais, no concelho de CP considera-se que as minas têm um maior valor simbólico na construção das identidades pessoais e na identidade local coletiva, estando mais presente nas comunidades que vivem nas localidades perto das explorações mineiras, onde ainda moram ex-mineiros e seus familiares. Neste sentido, e finalizando este capítulo, apesar da perda de memória coletiva sobre as histórias e relatos acerca das minas ser transversal em ambos os territórios, esta tem-se perdido com maior significância em Arouca, provavelmente devido ao distanciamento das zonas de Regoufe e Rio de Frades e ao hiato temporal desde o encerramento das minas na década de 1970.

— Capítulo 3 —

Nas escolas

De forma a compreender de que maneira as histórias estão a ser apropriadas e transmitidas pelas gerações mais jovens, foram realizadas várias ações com a comunidade educativa dos dois concelhos: na Escola Secundária de Arouca e na E. B. 2/3 do Couto Mineiro do Pejão.⁶ As sessões foram desenhadas com recurso a dinâmicas de educação não formal e à metodologia do teatro do oprimido e objetivavam o seguinte: divulgar a ciência e a sociologia, refletir sobre o território e aceder a representações sobre a atividade mineira. A estrutura das sessões incluiu um momento de apresentação do Projeto *Soil* e dos resultados da investigação a decorrer; uma discussão com os alunos com base no território, memória e identidade mineira local; e um conjunto de exercícios que visavam a construção de cenas teatrais - através do trabalho com objetos ligados ao universo mineiro - sobre as representações da atividade mineira/profissão de mineiro (figuras 1, 2, 3 e 4). No final de cada sessão, fazíamos a proposta de realização de um trabalho livre sobre os temas da sessão. Nas próximas páginas, encontram-se seis desses trabalhos enviados pelos e pelas estudantes da Escola do Couto Mineiro do Pejão.

⁶ As sessões aconteceram com todas as turmas da Escola E. B 2/3 do Couto Mineiro do Pejão: 5ºA, 6º A, 6º B, 7º A, 7º B, 8ºA, 9º A e 9º B e; e as seguintes turmas da Escola Secundária de Arouca: 9º A, 9º B, 9º C1, 9º C2, 9º D, 9º E1, 9º E2, 9º f1, 9º F2.



Figuras 1, 2, 3 e 4 – Sessões na Escola Secundária de Arouca e na E. B. 2/3 do Couto Mineiro do Pejão

Minas do Pejão



Dificultava
muitas condições
de vida nos reser-
vatórios,

era difícil
organizar comidas
mais tarde



trabalhamos
de noite e dia
, cansávamos
muito

O nosso transporte
de cima para
baixo era elevado



Não tinhamos
muita higiene

Dormiamos
nas nossas
casas



Acabaram fechar
as minas em 1994

para nos foi
um encerramento
muito dramático



Foi uma
vida difícil



Entrevista a filha de um trabalhador das Minas do Peirão

O meu avô, António Ferreira, após ter vindo da guerra do Ultramar foi trabalhar para as minas. A primeira função que exerceu foi extrair o minério de uma grande profundidade abaixo do solo. Passado uns anos começou a exercer outra função, que já não era debaixo do solo, estava num posto de trabalho onde escolhiam o minério após a sua extração, sendo depois encaminhado à "Criva" que depois seguia para a "Lavaria".

E: O que se recorda do tempo das Minas do Peirão?

Dírcia Ferreira: Recordo-me que o meu pai trabalhava por 3 turnos, um em cada semana. Como filha de um trabalhador das minas tinha acesso a atividades: estudar música para depois ingressar na Banda de Música dos Mineiros do Peirão gratuitamente, usufruir da piscina e do campo de ténis, no verão. E como regalia tinha direito a ir ao posto médico para ser tratada, caso necessário.

Também me lembro que o meu pai tinha direito a um pacote de 1L de leite para beber durante o trabalho, mas optava por trazer para casa. Recordo-me também que havia casas habitacionais onde havia um forno comunitário a essas habitações, onde faziam broa que às vezes o meu pai trazia para casa.

Lembro-me também do meu pai contar que o meu avô materno ganhou uma bicicleta e uma camisola amarela como prémio de produtividade.

Estudante do 7º A

Minas de carvão do Pejão

Feito por Gabriel Silva 7º A.Nº7

Em mais ou menos 1950 o Jean Tyssen, dono da ECD (empresa carbonífera Douro) fez uma árvore de Natal com cerca de 5 metros de altura em Germunde e uma festa. A minha avó materna lembra-se de que a árvore de Natal tinha fitinhas e presentes na árvore e no chão. O meu bisavô era mineiro e o Jean Thyssen, dono da ECD, deu uma senha a cada filho dos trabalhadores que andasse na escola. Ao meu Bisavô deu 3 senhas, uma para a minha avó e para as irmãs dela. A minha avó e as crianças nunca tinham visto uma árvore de Natal. Ficaram tão encantadas com a árvore que olhavam mais para a árvore do que para os presentes. Receberam um presente cada uma. Foi o primeiro presente que tiveram e a primeira árvore de natal que viram desde que nasceram.



O meu avô, a jaula e as minas do Pejão

Gaspar Vieira Alves, o meu avô paterno, trabalhou nas minas mais de 20 anos. Ele era maquinista na torre de Germunde, manobrava a jaula. A jaula, era "o elevador" da mina. Através de uma máquina, o meu avô fazia a jaula subir e descer cheia de mineiros. Esses mineiros iam para as galerias escavar o solo a procura de carvão. O meu avô diz que tinha muitos amigos e gostava de trabalhar lá, mas que o trabalho era duro. Ele conta que nunca teve nenhuma acidente no tempo em que esteve lá.

Uma história interessante, os mineiros usavam gasómetros para iluminarem dentro das galerias. Nos dias em que recebiam o salário, os mineiros traziam com eles os gasómetros na viagem para casa. Com receio de serem assaltados e assim poderiam se defender.

Feito por:

Rui Miguel Moreira Alves

Nº16 7ºA

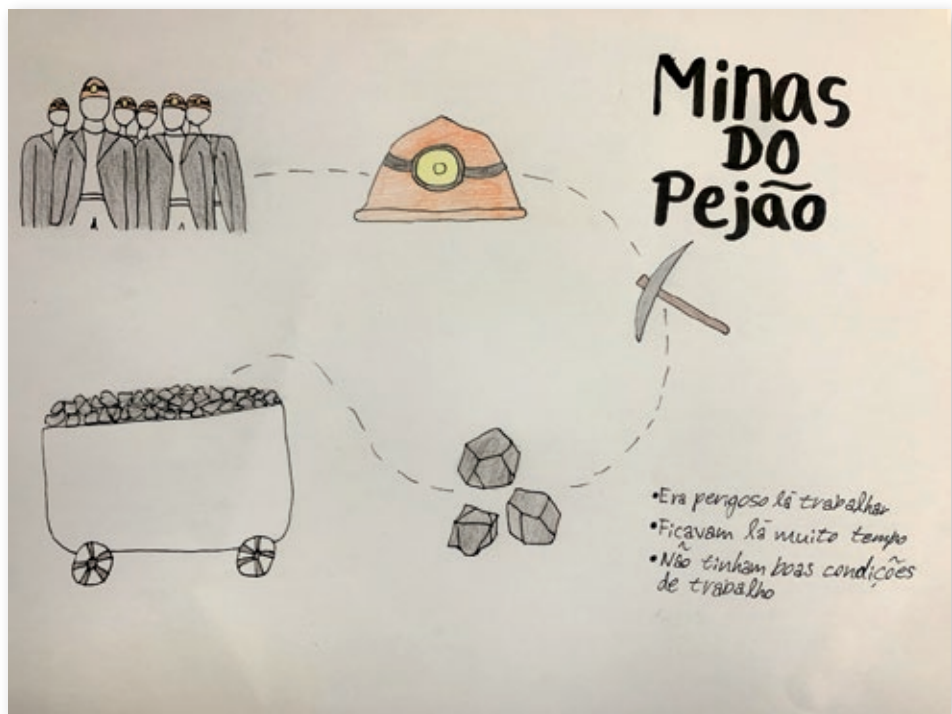
Disciplina: Ciências

Mirros do Pijão



É quase impossível trabalhar naquelas
condições mas não desistimos por nada

Nº 178º A Maurício
Figueira



Estudante do 9º A

Da Comunidade

Notas sobre o projeto de teatro comunitário *Da Raiva ao Paraíso*

Sandra Pinheiro

Introdução

Da Raiva ao Paraíso é um projeto de teatro desenvolvido na e pela comunidade das antigas minas do Pejão, na União de freguesias da Raiva, Pedorido e Paraíso, em Castelo de Paiva. Com base na criação coletiva e no trabalho teatral, o processo refletiu sobre o território, tradições locais e memória e identidade mineira. Partindo da experiência de investigação-ação do *Soil* e da mobilização das técnicas de observação participante e análise de conteúdo de documentos resultantes do processo criativo, traçamos algumas notas sobre as características gerais do projeto de teatro (no qual participei enquanto investigadora e parte da criação artística), o envolvimento e participação da população e a dramaturgia do espetáculo final.

Os processos que envolvem teatro e comunidade são múltiplos e acontecem de formas muito diferentes a nível das metodologias utilizadas e das manifestações estéticas que originam. Podem ser definidos, em traços gerais, como processos que privilegiam a criação coletiva a partir das histórias locais e pessoais dos participantes de determinado espaço e tempo, em detrimento da utilização de dramaturgias já escritas ou pensadas (Erven, 2001, p. 2). Normalmente, acede-se a essas histórias através de exercícios de improvisação que depois são organizados coletivamente por artistas profissionais ou não-profissionais (Erven, 2001, p. 2). São, na sua essência, modos de fazer teatro que colocam no centro de todo o processo criativo - desde a decisão dos temas tratados até à interpretação - quem habita os lugares dos quais se fala, quem reside nos locais que se trazem para os palcos ou espaços de apresentação.

A prática e teoria destes processos segue os contributos de Paulo Freire e de Augusto Boal, olhando para o teatro como possibilidade de análise da realidade, mas também como ensaio da sua transformação. No caso do Teatro do Oprimido, Boal parte das ideias de que todas as pessoas podem fazer teatro e de que é necessário “conquistar os meios de produção teatral”, devolvendo-os ao povo (Boal, p.14, 1991). Para isso, é preciso anular as barreiras que separam os atores dos espetadores, para que todos participem nas “necessárias transformações da sociedade” (Boal, p. 14, 1991).

O processo de criação artística e as oficinas de teatro

Partindo do envolvimento do projeto *SOIL* em Castelo de Paiva, este projeto resultou de uma parceria de produção entre o Teatro Universitário do Porto, o Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, a Casa do Povo da Raiva, a Câmara Municipal de Castelo de Paiva e a (s) comunidade (s) da União de freguesias da Raiva, Pedorido e Paraíso. O objetivo geral do projeto de teatro consistia na organização de uma plataforma que proporcionasse a reflexão sobre o território, a valorização da memória local e a partilha de instrumentos e práticas de teatro.

O processo teve por base a criação coletiva e constituiu-se por duas frentes: um conjunto de oficinas gratuitas de teatro dinamizadas pelo Teatro Universitário do Porto em colaboração com a Casa do Povo da Raiva; e a recolha de histórias e memórias de antigos mineiros através de entrevistas, conversas informais e registos fotográficos. O Teatro Universitário do Porto é uma estrutura artística de carácter não-profissional constituída por jovens, com atividade predominante na cidade do Porto. É um grupo que aposta na criação artística horizontal, na experimentação e na formação informal. A pedido da comissão de trabalhadores das minas do Pejão, esta associação esteve nesta freguesia em 1975, para apresentar duas peças de teatro: *Greve geral de 1934* e *as Espingardas da Mãe Carrar*, de Bertolt Brecht.

A Casa do Povo da Raiva, localizada em Oliveira do Arda, cedeu as instalações e colaborou na logística destas sessões durante todo o processo. Esta

associação tem um papel relevante na dinamização de atividades culturais e sociais e uma longa tradição com o teatro amador. Especialmente nos anos 70, 80 e 90 desempenhou uma atividade muito intensa nesse sentido - levando a cena peças criadas pelos residentes da freguesia ou encenando textos de autores portugueses. Atualmente, para além das atividades diárias da associação, a Casa do Povo da Raiva abre as suas portas a um atelier de pintura e desenho, a aulas de concertina, ballet, hip-hop, a sessões de catequese, a sessões de cinema, a peças de teatro e a uma escola de música.

As oficinas de teatro aconteceram todos os sábados, das 9h ao 12h, de novembro de 2022 a março de 2023 e eram abertas a todos os residentes do concelho de Castelo de Paiva⁷. Estas sessões foram participadas por pessoas residentes da União de freguesias de diferentes idades - dos 6 anos aos 69 anos - com ocupações também muito variadas: uma antiga professora, um antigo mineiro, um instrutor de condução, vários estudantes da escola E. B 2/3 do Couto Mineiro do Pejão, uma auxiliar de ação educativa, um bombeiro, entre outros. Ao longo do processo, esteve presente o Coro dos Mineiros do Pejão da ARCAF e um conjunto de antigos mineiros que nos cederam as suas histórias de vida. Durante os cinco meses de criação e ensaios, houve uma participação ativa e comprometida de todos os participantes com o processo de criação, ensaios e dia de apresentação.

As oficinas de criação tinham por base as metodologias teatrais, a educação não-formal e o teatro do oprimido e eram compostas pela seguinte estrutura: a) aquecimento, onde se fazia a preparação do corpo e se treinava a atenção para o trabalho teatral; b) jogos teatrais, de improvisação e de construção de cena; e, por fim, c) conversas sobre os exercícios e temas da oficina. A partir desta estrutura, os participantes partilhavam as suas opiniões e experiências para a construção coletiva, decidindo-se os temas das sessões seguintes e espetáculo final.

7 Oficinas de teatro em Castelo de Paiva realizam-se na casa do povo da raiva, Paivense, 8 novembro de 2022, Paivense - Oficinas de teatro em Castelo de Paiva realizam-se na casa do povo da raiva [10.06.23]



Figuras 1 e 2 - Primeiras oficinas de teatro na Casa do Povo da Raiva (fotografias de Inês Leal)

As primeiras oficinas tinham como objetivo o autoconhecimento, o reconhecimento do grupo e dos seus pontos comuns e a partilha de tradições, histórias, património local ou problemas no território que mereciam a atenção e discussão por parte do coletivo. Num dos exercícios propostos, os participantes respondiam, através da construção de um mapa do território, às perguntas “O que vejo da minha janela? O que gostaria de mudar?” - organizando as visões particulares de todos os participantes numa cartografia coletiva (figuras 3 e 4).



Figuras 3 e 4 – Mapa coletivo sobre o território.

Depois do fortalecimento das relações entre o grupo e de encontrados pontos transversais, seguiu-se um trabalho criativo que se apoiava, frequentemente, na improvisação de cenas a partir de objetos e fotografias ou através de propostas de outras disciplinas artísticas, como o desenho e a escrita criativa. Num dos exercícios, partimos de três fotografias de Adriano Miranda, fotógrafo que fotografou os mineiros do Pejão nos anos 90, para a construção de pequenas cenas que incluíam o quotidiano dos trabalhadores no interior das minas e os tempos de lazer e convívio (figura 5 e 6).



Figuras 5 e 6 – Fotografias de Adriano Miranda e resultado do exercício de improvisação.

Por sua vez, os exercícios do teatro do oprimido tinham lugar recorrente nas nossas oficinas. Para além de abrirem possibilidades à análise das situações e realidades pessoais concretas dos participantes, estas propostas criam a oportunidade de se pensarem alternativas. Das sessões, surgiram frequentemente preocupações em relação à associação de Castelo de Paiva a tragédias, a insuficiência de transportes públicos, o atraso na ligação da variante à EN222, a desvalorização do património das minas e a inexistência de um teatro ou cinema nas freguesias mais próximas. No final de cada oficina, havia sempre um espaço de partilha de textos

originais, fotografias e pensamentos dos participantes, que depois eram cosidos e organizados pelo coletivo ou utilizados nas oficinas seguintes como material para improvisação/criação. Todos os participantes contribuíram com elementos, que na maioria dos casos retratavam as suas próprias vivências e memórias.

Resta dizer que, em simultâneo, decorriam as entrevistas, conversas e recolha de testemunhos de antigos mineiros, posteriormente integrados no espetáculo. No total, foram entrevistados 8 antigos trabalhadores das minas. Parte dessa recolha encontra-se disponível no site do Museu da Pessoa para consulta pública⁸.



Figuras 7 e 8 – Emília Tavares, antiga trabalhadora das Minas do pevão e gravação do testemunho de Carlos Martins, antigo mineiro, no Cavalete do Fojo.

O espetáculo

O espetáculo final *Da Raiva ao Paraíso* é composto por nove cenas criadas nas oficinas de teatro, ora resultantes de exercícios de improvisação, histórias orais, memórias individuais ou coletivas, ora de vontades de dizer algo através do teatro⁹. Num segundo momento, os encontros aconteceram em formato de en-

8 Museu da Pessoa | A exploração do carvão em Portugal - histórias de ex-mineiros do Pevão, <https://www.youtube.com/watch?v=UJPR6jqclws>.

9 Boal, A. (1982). *200 Jogos e exercícios para o ator e não ator com vontade de dizer algo através do teatro*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A.

saios que culminaram numa apresentação final no Cavalete do Fojo¹⁰, um antigo espaço de exploração mineira do Couto Mineiro do Pejão (figura x e x). A estreia deu-se no dia 5 de março, às 19h. A sinopse da peça é a seguinte:

*As Minas do Pejão laboraram nesta terra
durante mais de um século
e ocuparam as vidas de mais de 3000 trabalhadores.
A natureza tomou conta dos edifícios
que antes eram habitados por carvão,
mas ainda restam as memórias do trabalho duro,
os relatos das lutas e do companheirismo.
Ainda vivem as fotografias das peças de teatro
que enchiam os salões das freguesias.
Da Raiva ao Paraíso, do que foi
ao que ainda está por fazer.
Memórias sobre a nossa terra.*

O espetáculo inclui uma visita-guiada ao Couto Mineiro do Pejão através das visões e representações dos participantes. Ao longo da visita, conduzida por um antigo mineiro que trabalhou no exterior das Minas do Pejão, emergem as cenas criadas por cada ator/atriz ou grupo nas oficinas. As nove cenas incluem as suas perceções sobre o património local imaterial e natural: desde memórias dos participantes sobre o quotidiano de trabalho nas minas do Pejão, às histórias sobre a vida cultural e teatral da freguesia e aos problemas que identificam no seu território.

¹⁰ A ficha técnica do espetáculo *Da Raiva ao Paraíso* é a seguinte:

Criação e interpretação: Clara Capela, Cláudia Gonçalves, Conceição Rodrigues, Fernando Gomes, Joel Dias, José Gonçalves, Maria João Martins, Maria José Capela, Rosa Íris Capela, Tiago Gonçalves. Direção artística e produção: Teatro Universitário do Porto. Desenho e operação de luz e som: Gui Flor. Agradecimentos: Aquapura Terrace, ARCAF, António Capelo, Armando Faria, Bacar Silá, Blueberry lab, Carlos Martins, Coro de Mineiros da ARCAF, Emília Tavares, José Andrade, Lúcio Moreira Silva, Manuel Rosas, Neca Rodrigues, Padre Tiago Santos, Rancho folclórico infantil do Centro Social do Couto Mineiro do Pejão, Serafim Silva.

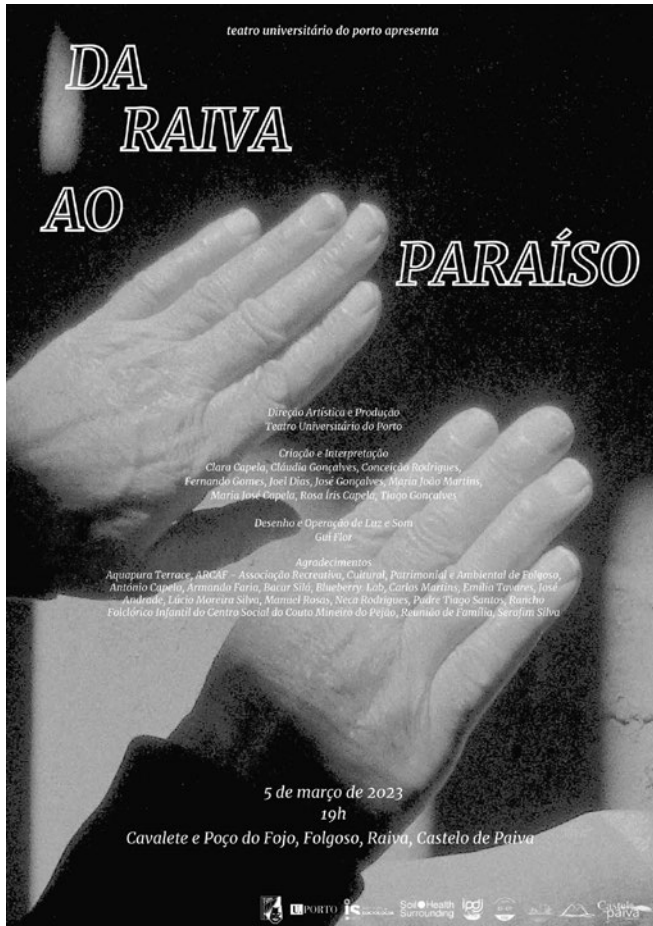


Figura 9 – Cartaz do espetáculo Da Raiva ao Paraíso

Referências bibliográficas

- Boal, A. (1991). *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A.
- Erven, E. V. (2001). *Community theatre: Global perspectives*. Routledge.

Das nossas lutas

Fernando Gomes

“Da Raiva ao Paraíso” não foi a minha estreia em palco, mas, com um elenco ligado às Minas do Pejão, foi uma experiência que jamais esquecerei. Não me senti a representar, revivi os vinte e um anos que trabalhei nas Minas do Pejão. Falar sobre o trabalho e o quanto ele era duro e passar esse testemunho aos mais novos foi muito gratificante. Além do trabalho mineiro, foram abordados outros ofícios ligados às nossas raízes, como teatro, futebol e outras atividades que se perderam com o passar dos anos. Falámos das nossas lutas e das vitórias alcançadas. Todos, em palco, demos o nosso melhor, desde entrevistas aos mineiros mais velhos, passando pelos mais novos, todos ficamos bem.

E, assim, foi o meu contributo para este magnífico espetáculo “Da Raiva ao Paraíso”, encenado pelo Teatro Universitário do Porto que, com muita sabedoria, nos preparou. Foi um sucesso e uma experiência única que enriqueceu a cultura do Couto Mineiro do Pejão. Obrigado a todos.

As nossas vivências

Maria da Conceição Oliveira Rodrigues

Era novembro de 2022. Alguém comentava: “vai funcionar uma oficina de teatro, na casa do povo”. Uma oficina de teatro? De teatro? Como funcionará? Deve ser interessante!

Assim, surge a minha participação num projeto levado a cabo pelo Teatro Universitário do Porto. Várias sessões e muitos exercícios feitos. Repetidos, hoje, na semana seguinte, na outra e na outra. Outro exercício, mais outro e outro. Aquecimento, respiração, distribuição no espaço, passo rápido, passo lento, cardume. Perplexa, sem perceber como chegaríamos a um trabalho final para apresentação pública! Sobre as Minas do Pejão? Sobre o Couto Mineiro?

O Ano Novo trouxe Luz. Todo o trabalho anterior começou a fazer sentido. Tudo é preciso, agora – colocação da voz, postura, respiração, distribuição no espaço. As vivências, as nossas vivências! As nossas memórias, arrancadas do armazém cerebral, para serem novamente vividas e reveladas. Talvez nunca antes o tenha feito. Surpresa ou espanto, para alguns. Confirmado, por muitos outros. São as memórias que uma vida de docência nos permite guardar. São experiências vividas que, agora, se libertam e fazem catarse. E todos, cada um com as suas memórias, permitiram a construção do puzzle “Da Raiva ao Paraíso”. A este puzzle, poder-se-á, certamente, ir acrescentando mais e mais peças, reconstruindo e preservando, assim, a identidade de um povo, que não pode ser perdida.

Este projeto foi um passo importante para a preservação dessa identidade. A participação neste projeto foi uma aprendizagem constante, o lembrar da importância do pormenor, da partilha, da interação, do espírito de grupo, o reforço do valor das memórias do passado para melhor compreensão do presente. Em suma, uma experiência fantástica!

Só a dedicação, empenho, sabedoria, muita paciência e simpatia do grupo permitiram que este pequeno grupo de pessoas do Couto Mineiro do Pejão tivesse o privilégio de dar corpo ao projeto que lhe foi apresentado. Deixamos um genuíno agradecimento a todas as pessoas envolvidas.

Memórias do dia do espetáculo

Fotografias de Adélio Gomes































CONCLUSÃO:

Um futuro para as memórias que são presente

João Teixeira Lopes

Começamos pela avaliação do foco inicial do estudo: a percepção de risco sobre as minas. A comparação entre os dois casos em estudo, com base nos resultados das entrevistas e dos inquéritos, permite afirmar, genericamente, que as pessoas tendem a viver despreocupadas. Consequentemente, há nestes concelhos determinadas práticas que podem ter riscos associados, tais como as atividades de turismo e lazer junto às minas desativadas. Acrescenta-se que os riscos são associados ao passado, estando relacionados com memórias e relatos sobre o trabalho mineiro. Contudo, mesmo que isso não constitua um eixo central das suas existências, a maioria dos inquiridos em Castelo de Paiva concorda que, atualmente, as minas significam um perigo de saúde e apresentam riscos ambientais e de segurança, associando-se essa representação a problemas de saúde (e.g. silicose) de ex-mineiros e problemas no solo, causadores de incêndios, cheias e possíveis desabamentos. Já em Arouca, onde as minas há muito encerraram, apenas 40% dos inquiridos consideram que existem perigos associados à exploração mineira no local, nomeadamente ao nível da qualidade da água.

Quando analisamos as dimensões da identidade da memória coletivas constatamos uma descoincidência entre os discursos dos informantes privilegiados, que representam instituições e organizações estabelecidas, e as respostas dos inquiridos recolhidas junto da população dos dois concelhos. Assim, no caso de Arouca regista-se que as minas são, do ponto de vista do discurso oficial, um elemento identitário forte e atuante. A dimensão territorial e a história das minas chegam mesmo a ser aspetos integrantes da educação e formação dos mais jovens, inclusive em contexto escolar. Além disso, o território tem uma robusta estratégia turística e de valorização dos recursos locais. Em contraste, os entrevistados institucionais de Castelo de Paiva referem que, apesar da mina do Pejão

ser importante na identidade dos habitantes (especialmente os mais velhos), ela é atualmente desvalorizada.

Contudo, ao arrepio das representações oficiais, sente-se mais a memória atuante nas pessoas de Castelo de Paiva. Aqui, considera-se que as minas têm um persistente valor simbólico na construção das identidades pessoais e na identidade local coletiva, estando bem presentes nos quotidianos (estórias, conversas, lembranças, objetos) das comunidades que vivem nas localidades perto das explorações mineiras, onde ainda moram ex-mineiros e familiares.

O trabalho com as populações de Castelo de Paiva, através das plataformas de investigação-ação-participação ancoradas na Casa do Povo da Raiva e na Escola E. B 2/3 do Couto Mineiro do Pejão, permitiu-nos aprofundar estas questões.

Talvez o legado mais importante deste projeto seja, precisamente, a resposta a uma questão, ao mesmo tempo epistemológica e política: pode a memória ser democratizada ou é um privilégio de quem, a uma determinada altura, detém os meios de produção narrativos? A pergunta é da maior importância, pois a resposta indicará se alguém fala ou é falado. Durante tanto tempo os homens e as mulheres das classes populares entraram para a História pelas notas de rodapé ou nos textos moralistas de “homens sábios”. Até à organização do movimento operário, eram percebidas pelo viés dos dominantes, menorizadas e vilipendiadas, por vezes de forma grosseira, servindo a visão do mundo que os poderosos gostariam de criar (os pobres eram geralmente feios, porcos e perigosos e, acima de tudo, mereciam ser pobres!). Inventavam-se características, homogeneizavam-se traços, simplificava-se o complexo, deturpava-se a realidade – a imagem que se consegue criar da realidade (por palavras, imagens ou sons) naturaliza-se como a realidade, ignorando as relações sociais de desigual acesso à voz, à expressão e à memória.

Ora, ao falarem sobre as suas vidas, as pessoas descobrem ângulos novos e apercebem-se que, apesar de únicas, não são ilhas, mas sim um elo numa teia

de relações sociais. Ao ouvi-las, percebemos que os retratos a preto e branco são sempre redutores. Contar o que aconteceu é um outro modo de continuar a viver. E de não desistir, lutando contra a amnésia social, que é uma forma de morte. Possa este trabalho constituir um repositório polifónico de memórias de pessoas em situação de invisibilidade.

Memórias vivas, fermento das relações sociais, pão do futuro.

Agradecimentos

Associação de Desenvolvimento Rural Integrado das Serras do Montemuro, Arada e Gralheira (ADRMAG)

Associação Geoparque Arouca (AGA)

Associação Recreativa, Cultural, Patrimonial e Ambiental De Folgoso (ARCAF)

Armando Faria

Luís Carlos Duarte Braga, autor da dissertação: A Alimentação dos Mineiros na Época Áurea do Volfrâmio em Arouca

Câmara Municipal de Arouca

Câmara Municipal de Castelo de Paiva

Escola Secundária de Arouca

União de freguesias da Raiva, Pedorido e Paraíso

Adriano Miranda

César Neves

E. B. 2/3 do Couto Mineiro do Pejão

Agostinho Bloca

Raul Silva Andrade

Teatro Universitário do Porto

Museu Municipal de Arouca

Apresentação dos autores

Adélio Gomes

(Lomba, Gondomar, 1957). Reside em Pedorido e faz trabalhos de fotografia e vídeo desde 1986.

Conceição Rodrigues

(Louredo, Santa Maria da Feira, 1957). Reside, atualmente, em Oliveira do Arda, na freguesia da Raiva, em Castelo de Paiva. Coursou o Magistério Primário do Porto, que concluiu em 1974. Iniciou a vida profissional na escola da aldeia onde reside. Em 1997, licenciou-se em Direção Pedagógica e Administração Escolar. Após 25 anos de exercício na Telescola, como docente e como coordenadora técnico-pedagógica, passou a exercer o cargo de presidente do conselho executivo do Agrupamento de Escolas do Couto Mineiro do Pejão e, mais tarde, diretora do mesmo Agrupamento, cargo que exerceu até à sua aposentação, em 2012. Na comunidade local, cultiva uma vivência associativa cultural, sendo elemento do coro da Atípica Orquestra da Associação Aplauso Padrão, presidente da Direção da mesma associação e presidente da Assembleia Geral da Associação Cultural do Couto Mineiro do Pejão.

Fernando Gomes

Pedorido, Castelo de Paiva, 1959). Trabalhou 21 anos no exterior das minas do Pejão. Depois de encerrarem em 1994, percorreu Portugal de lés a lés, foi ajudante de serralheiro e trabalhou em fábricas de cerâmica, vidro e componentes de automóveis. Regressou a Pedorido e está reformado.

Francisca Teixeira

(Arouca, 1999). É Licenciada e Mestre em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Inês Leal

É Licenciada em Design de Comunicação pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP). Desenvolve o seu trabalho nas disciplinas das artes visuais, performance, fotografia e edição.

João Teixeira Lopes

(Lobito, 1969). Professor Catedrático da FLUP e coordenador do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto.

Leonor Medon

(Porto, 2001). É Licenciada em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e frequenta o Mestrado em Sociologia da mesma instituição. Enquanto Bolseira de Investigação no Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, participa no Projecto Museu da Pessoa, na recolha de testemunhos orais e em ações de intervenção comunitária.

Rita Madeira

(Vila Nova de Gaia, 1999). Licenciada em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Mestre em sociologia pela mesma instituição.

Sandra Couto

(Vila Nova de Gaia, 1999). É Licenciada em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e frequenta o Mestrado em Sociologia da mesma instituição. Bolseira de Investigação no Instituto de Sociologia da Universidade do Porto.

Sandra Pinheiro

(Amarante, 1998). É Licenciada em Línguas e Relações Internacionais pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e frequenta o Mestrado em Direitos Humanos na Universidade do Minho. Bolseira de investigação em Sociologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

